

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Patrick Costa Moraes

O CONCEITO DE FÉ PARA KIERKEGAARD EM MIGALHAS FILOSÓFICAS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Jonas Roos.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Patrick Costa Moraes**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572061A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O CONCEITO DE FÉ PARA KIERKEGAARD EM MIGALHAS FILOSÓFICAS**, desenvolvido durante o período de Março de 2018 a Julho de 2018 sob a orientação de Jonas Roos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

PATRICK COSTA MORAES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O CONCEITO DE FÉ PARA KIERKEGAARD EM MIGALHAS FILOSÓFICAS

Patrick Costa Moraes¹

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo buscar e compreender o conceito de fé que o autor Søren Kierkegaard começa a construir em seu livro "Migalhas Filosóficas", embora o livro não se proponha a definir a fé, é possível encontrar em suas linhas as noções que fundamentariam a fé cristã na sequência bibliográfica do autor. O estudo será feito por análise bibliográfica do próprio livro "Migalhas Filosóficas" além de outros textos de Kierkegaard e, também, textos de outros autores que se dedicaram a estudar a vida e obra do grande autor dinamarquês.

PALAVRAS-CHAVE: Fé. Kierkegaard. Cristianismo. Migalhas Filosóficas.

ABSTRACT

This article aims to find and understand the concept of faith that the author Søren Kierkegaard begins to build in his book "Philosophical Fragments", although the book does not intend to define the faith, it is possible to find in its lines the notions that would base the faith in the bibliographic sequence of the author. The study will be done by bibliographical analysis of the book "Philosophical Fragments" in addition to other texts of Kierkegaard and also texts of other authors who dedicated themselves to study the life and work of the great Danish author.

KEY WORDS: Faith. Kierkegaard. Christianity. Philosophical Fragments.

1. INTRODUÇÃO

Søren Kierkegaard (Copenhague, 1813 – Copenhague, 1855) é um dos mais importantes e fascinantes autores dinamarqueses, com uma vasta biografia, se definia como um “autor religioso” sem nunca ter se auto nomeado teólogo e sempre evitando se associar à teologia acadêmica. Apesar disso é graduado Doutor em Teologia pela Universidade de Copenhague, no ano de 1841. O autor dinamarquês é considerado um dos mestres da ironia, e tem na comunicação indireta uma das maiores forças de seus textos, buscando “atingir a existência e não ampliar os conhecimentos dogmáticos de seus leitores” (ROOS, 2006, p. 19).

Kierkegaard assinava seus livros por meio de pseudônimos, sendo o livro “Migalhas Filosóficas” assinado por Johannes Climacus que “é reconhecido como um dos raros autores pseudonímicos possuidores de uma biografia e psicológica conhecidas” (MORAIS, 2013, p. 23). Com uma biografia que em alguns pontos se confunde com a do próprio Kierkegaard, Climacus é descrito como um jovem estudante que morava com seu pai, este uma pessoa muito severa nos modos, e que tinha pouco prazer no contato com outras pessoas, constantemente evitando esses contatos, chegando a se considerar um estranho para com o mundo. O autor pseudonímico nutria pelo ato de pensar uma paixão enorme, e o fazia com felicidade, apenas para ver até onde o desenvolvimento do pensamento poderia chegar.

Para se entender o livro *Migalhas Filosóficas* é preciso ter em mente o objetivo do autor dinamarquês de encaminhar o que ele chamava de Cristandade, a instituição do cristianismo, de volta para o próprio cristianismo que ele julgava ter se perdido em seu tempo:

A Dinamarca era, no entender do autor pesquisado um país onde todos se consideravam e tinham certeza de serem cristãos e de viverem cristãmente a sua fé (...) Kierkegaard, diante daquele quadro sócio-religioso dirá que todos se encontravam em engano, em ilusão. A Proposta Alternativa (B) surge como um grito de desespero no meio de uma noite, onde reinaria uma cristandade completamente afastada do verdadeiro cristianismo (MORAIS, 2013, p. 20-21).

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: patrickmoraes@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Jonas Roos.

Se classificando como o único dinamarquês não cristão, mesmo estando no centro da cristandade ocidental, Climacus classifica a cristandade como um acontecimento geográfico e não uma escolha pessoal o que, para ele, enfraquecia o ser cristão e não tornava, realmente, toda essa população uma população realmente cristã. A partir disso, diz que não critica as pessoas que se dizem cristãs, mas que prefere explicar para seu leitor, os motivos de não ser, ele próprio, um cristão.

Com a questão “Em que medida podemos aprender a verdade?” iniciando o livro, somos apresentados ao modelo de pensamento socrático, onde o homem está de posse da verdade e apenas não se recorda dela. Aqui, o processo de descobrir a verdade, é, na realidade, um processo de se recordar dessa verdade. Dessa forma tanto o instante em que o aprendiz se torna ciente da verdade, quanto o mestre que o auxilia nesse instante tem pouca ou nenhuma relevância, essa descoberta poderia acontecer em qualquer instante, e poderia contar com o auxílio de qualquer pessoa, uma vez que essa verdade já está na posse do homem. Nas palavras do próprio Climacus:

Sócrates resolve a dificuldade explicando que todo aprender, todo procurar, não é senão um recordar, de sorte que o ignorante apenas necessita lembrar-se para tomar consciência, por si mesmo, daquilo que sabe. A verdade não é, pois, trazida para dentro dele, mas já estava nele. Sócrates desenvolve então esta idéia, e nela se concentra propriamente o *patos grego*, já que ela se torna uma prova da imortalidade da alma, prova retrógrada, bem entendido, isto é, uma prova da preexistência da alma (KIERKEGAARD, 1995, p. 28).

A partir disso, Johannes de Climacus se propõe a buscar outro modelo de pensamento, um modelo onde a verdade não esteja dentro do homem, um modelo onde o pressuposto adotado seria o de que o instante e o mestre tenham importância máxima. A esse modelo de pensamento, ele chama “projeto alternativo”. Esse projeto alternativo não é assumido como o projeto cristão em momento algum do livro, embora, para um leitor um pouco mais atento, fique claro estar se tratando do projeto de pensamento cristão. Essa interessante maneira de se colocar ante ao leitor é analisada muito bem por Jonas Roos, que nos diz:

A comunicação indireta em Kierkegaard está intrinsecamente ligada com a ironia. *Migalhas* é apenas “um projeto de pensamento”, mas abunda em referências implícitas à Bíblia, e o próprio autor deixa claro que inventou algo que não se pode ser inventado, pois age “como um *lazzarone* que cobra para mostrar um lugar que qualquer um pode ver (...)”. Esta ironia tem por objetivo provocar o leitor e, ao mesmo tempo, o desafia a tomar posição diante daquilo que é dito ironicamente. No entanto, é importante termos em conta que “a presença da ironia não significa necessariamente que a seriedade é excluída.” (ROSS, 2006, p. 20).

Kierkegaard concentra seus esforços em desenvolver esse sistema de pensamento, que ele diz ser totalmente novo, apesar das claras referências ao modo de pensamento cristão, esclarecendo os conceitos onde esse sistema se assenta e, também, buscando os limites desse sistema, e é nessa busca e nesse desenvolvimento onde vamos conseguir encontrar, sempre de forma indireta, o conceito de fé que o autor utiliza no livro. Aqui temos de assumir, como Ricardo Quadros Gouvêa em “Paixão pelo paradoxo” que “(...) o livro representa uma análise filosófica das noções básicas da fé cristã sem que se afirme ou que se pretenda de forma explícita executar tal tarefa. O resultado final é a reinvenção da fé cristã”. (p. 168)

2. AS CATEGORIAS FUNDAMENTAIS

2.1 O MESTRE E O DISCIPULO

Para desenvolver sua proposta alternativa, Climacus primeiro esclarece seus pressupostos. Como quer que, em sua proposta, o instante tenha caráter fundamental é preciso que o homem não só não tenha a verdade dentro de si (caso da proposta socrática), como também não saiba que não a possui e tampouco caminhe em sua direção, Climacus coloca o homem como a própria não-verdade. “Mas a este estado (o de ser a não-verdade e de sê-lo por própria culpa), que nome lhe podemos dar? Chamemo-lo de *pecado*.” (KIERKEGAARD, 1995, p. 35).

Temos aqui um homem em estado de pecado, que não tem noção do fato de estar fora da verdade, e tampouco tem noção de que está fora da verdade por sua própria culpa e que, para além disso, precisa de seu próprio aval para que possa ser convertido num novo homem, uma vez que a condição de pecado em que ele se encontra é tão somente sua própria culpa. Como então poderia esse homem descobrir que está fora da verdade e alcança-la? Aqui o leitor recebe outra categoria que sustenta sua proposta alternativa de pensamento, a categoria do *mestre*:

Se, agora, o aprendiz deve adquirir a verdade, então o mestre tem de trazê-la a ele, e não só isto, mas é preciso que lhe dê juntamente a condição para compreendê-la (...) Aquele que dá ao aprendiz não só a verdade, mas também junto com ela a condição, não é um mestre. Todo ensinamento repousa no fato de que a condição, em última análise, está presente; quando esta falta, um mestre nada consegue; pois, caso contrário, seria necessário que o mestre não transformasse, mas recriasse o aprendiz, antes de começar a ensinar-lhe. Ora, isto nenhum homem consegue; caso isto deva suceder, é preciso que o próprio deus o faça (KIERKEGAARD, 1995, p. 33-34).

Temos um ser humano em estado de não-verdade, que recebe tanto a condição para adquirir a verdade como a própria verdade de seu mestre, mestre esse que, por oferecer também a condição, não pode ser um igual, ou seja, não pode ser um homem, logo deve ser o deus², Climacus o chama “o salvador”. Dessa forma, a única possibilidade para que o homem esteja em pecado é a possibilidade do próprio ser humano ter se colocado em estado de não-verdade. De outra forma seria o deus quem o colocou nesse estado, o que seria contraditório, afinal, que tipo de deus pode amar incondicionalmente seus discípulos e, ainda sim, afastá-lo da verdade, que cinismo deveria ter o deus para colocar o ser em pecado só para que possa resgatá-lo da condição que o colocou?

Além de se colocar em estado de pecado, o ser humano precisa ter perdido a liberdade que usou para se distanciar da verdade, tornando esse processo de distanciamento um processo permanente. Somente assim, se distanciando da verdade no tempo, ele terá a necessidade da presença do seu libertador para que possa se redescobrir em estado de não-verdade e sair da sua condição de pecado.

Esse processo é bem analisado por Roos, que nos mostra que:

A relação do aprendiz que se encontra nesta situação com o mestre não será meramente ocasional, mas este mestre que traz a condição e a verdade no instante será o próprio deus. (...) Climacus chama atenção para o fato de que ‘o aprendiz jamais poderá se esquecer dum tal mestre, pois no mesmo instante mergulharia novamente em si mesmo assim como aquele que, outrora na posse da condição, ao esquecer que Deus existe, mergulhou na não-liberdade.’ Climacus quer enfatizar que a condição não é algo que é simplesmente adquirido de uma vez por todas, mas envolve um processo onde o aprendiz deve permanecer ligado ao mestre. Quando olhamos para a obra de Kierkegaard de forma ampla, percebemos que sua ênfase é colocada no *tomar-se cristão*, no *vir-a-ser*, na repetição do movimento da fé (ROOS, 2006, p. 28-29).

2.2 O INSTANTE E O PARADOXO

Esse *instante* onde o Deus entra no temporal e concede ao homem a condição para compreender seu estado de pecado e a possibilidade de sair desse estado e conhecer a verdade é outra categoria fundamental para se entender a fé em Migalhas Filosóficas:

Em sua Proposta Alternativa (B) o *instante* é especial: nele o eterno se insere no temporal, transformando-o de forma radical. As implicações/consequências dessa inserção são significativas e comprometedoras para o homem, por dele exigir uma resposta na ordem da existência. O *instante* não se resume em tempo especial, em mera ocasião, mas em tempo de qualidade especial, capaz de dar novo significado às coisas e aos homens (MORAIS, 2013, p. 26-27).

Climacus nos lembra durante toda sua obra o quão importante é o *instante*, pois é em torno dele que se ergue toda a sua proposta alternativa. Um *instante* individual, que coloca o homem pela primeira vez em relação com o eterno, mostrando-o sua condição de *pecado* e dando-o a possibilidade de ir ao encontro da verdade por meio do amor de seu mestre, o deus, seu salvador.

E é exatamente aqui, no ponto onde o homem recebe a consciência do pecado, onde entra em contato com o Deus que somos apresentados à categoria do *paradoxo*, o paradoxo do eterno-no-tempo (COELHO, 2014). Ao receber a consciência do pecado sua inteligência não o permite avançar, afinal, como pode o homem compreender o paradoxo do eterno-no-tempo se nem ao menos consegue compreender que se colocou em

² Sobre o uso do termo “o deus”, Ricardo Gouvêa explica: “Alguns podem achar a expressão de Johannes Climacus ‘o deus’ (*Guden*) estranha. Realmente, Climacus a usa por todo o *Migalhas* e *Post-Scriptum*. Como coloca Howard Hong, ‘Esta forma pouco usual enfatiza o contexto socrático-platônico da hipótese e seu desenvolvimento... Em toda obra de Kierkegaard, *Guden* é encontrado raramente exceto no *Migalhas* e no *Post-Scriptum*’, os dois livros do heterônimo Johannes Climacus” (GOUVÊA, Ricardo Q. **Paixão pelo paradoxo**: uma introdução aos estudos de Søren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 158). Alvaro Valls aponta que “Climacus emprega o artigo definido antes da divindade, para falar como os gregos, pois seu referencial é filosófico, grego” (VALLS, 2000, p. 205). (ROOS, 2006, p. 20 – nota do autor).

condição de pecado? Como pode compreender que, além de condição para que ele perceba que está em condição de pecado e da possibilidade de sair dessa condição, o Deus é a própria verdade?

O paradoxo consiste em como estabelecer uma relação entre o homem e deus, já que o homem não consegue compreender o Deus sem rebaixá-lo a categorias próprias do homem. O próprio Climacus nos sugere uma saída, o amor: "(...) só no amor o diferente se iguala, e só na igualdade e na unidade há compreensão, mas sem aquele compreensão perfeita o mestre não é o deus (KIERKEGAARD, 1995, p. 47).

É importante ter em mente, como bem nos lembra Ana Alice Coelho, que esse amor "não tem uma concepção sentimentalista, pois ele é a força que impulsiona o deus eterno e imutável a transformar-se no amado. Em sua definição conceitual, o amor é *a decisão eterna que se realiza no tempo*." (COELHO, 2014, p. 28). Porém esse amor não é fácil de se estabelecer, uma vez que o deus tem de se fazer ser compreendido pelo indivíduo, sem que, para isso, precise acabar com a diferença entre eles. A solução encontrada pelo autor é um "rebaixamento" do Deus ao nível dos homens, o próprio Climacus nos explica:

Se, portanto, não foi possível obter a unidade através de uma subida, é preciso experimentar por uma descida. Suponhamos que o discípulo seja "x" e que este "x" tem de incluir também o menor de todos, pois se mesmo Sócrates não tinha predileção pelas boas cabeças, como poderia o deus fazer distinções? Para que a unidade se concretize, o deus tem de fazer-se igual ao discípulo. E assim ele quer mostrar-se igual ao menor de todos. Mas o menor de todos é, como se sabe, o que tem de servir aos outros, e por conseguinte o deus deve mostrar-se sob a figura do servo (KIERKEGAARD, 1995, p. 54-55).

É interessante notar que, mesmo com uma latente semelhança com a história de Jesus de Nazaré, nenhum comentário sobre essa semelhança é feito pelo autor. Uma vez colocado frente ao paradoxo do eterno-no-tempo, para Kierkegaard, a consciência, em sua singularidade, tem dois caminhos a percorrer: escandalizar-se com o paradoxo ou deixar a razão de lado e, num movimento de fé, aceitar o paradoxo. O próprio autor sintetiza: "Fixar-se sempre no mestre é então o que a fé tem de fazer. Mas, para que o mestre possa dar a condição, ele tem que ser o deus, e para colocar o que aprende na posse dela ele tem que ser homem. Esta contradição é, por sua vez, o objeto da fé, e é o paradoxo, o instante" (KIERKEGAARD, 1995, p. 92).

Em caso de resposta positiva ao paradoxo, e aqui nesse breve estudo nos interessa apenas a resposta positiva uma vez que, no caso de escandalizar-se frente ao paradoxo, o indivíduo estaria rejeitando conscientemente a fé, temos de aceitar que a razão não dá conta de compreender e ultrapassar esse paradoxo e que essa compreensão se dá por meio da fé. A esse movimento, chamamos *salto*.

2.3 O SALTO

A categoria de *salto* não deve ser entendida como uma simples negação da razão em função da fé, não se trata somente de um "salto no escuro":

A fé se apresenta na existência humana quando as ferramentas da razão são reconhecidas como insuficientes ou limitadas e o indivíduo efetua um salto na direção da fé. (...) Não está nos escritos de Kierkegaard o pensamento de que o *salto* seja direcionado ou deva se direcionar para o escuro ou para o desconhecido. (...) Se a razão parece ter sido sacrificada inicialmente, ela é devolvida, ao final do movimento da fé, como um processo de renovação e restauração que habilita a convivência do finito e do infinito na existência humana (MORAIS, 2013, p. 68-70).

O salto, objetivamente, é a forma como o indivíduo consegue se relacionar com o paradoxo, segundo o próprio autor dinamarquês é "quando a inteligência se põe de lado e o paradoxo se entrega (...) é aquela paixão à qual queremos dar um nome, se bem que não seja precisamente seu nome o que importa. Nós queremos chamá-la: fé." (KIERKEGAARD, 1995, p.88)

O próprio autor classifica esse movimento como um movimento de fé, ora, então deveríamos nos ater a essa categoria para então buscarmos o conceito de fé utilizado em Migalhas. Isso nos traria resultados fáceis, o salto é o movimento da fé, logo, o conceito da fé é o conceito do salto. Não seria, contudo, uma resposta à altura da importância que tem a fé no processo alternativo de Climacus. Para melhor entendermos esse movimento, podemos tomar como referência a forma que um outro pseudônimo de Kierkegaard desenvolve a fé frente ao absurdo. Utilizaremos Johannes de Silêncio, pseudônimo que assina o livro *Temor e Tremor*, para então retornarmos as Migalhas Filosóficas.

3. A FÉ COMO O ABSURDO

3.1 TEMOR E TREMOR, OBRA E AUTOR.

O livro *Temor e Tremor* é uma outra obra de Kierkegaard, que assina pelo pseudônimo de *Johannes de Silentio*, com isso, o autor busca, também nessa obra, se distanciar do leitor, apenas observar o leitor enquanto este se aventura a entender o que se passa com Abraão quando Deus pede que sacrifique seu próprio filho, Isaac, em seu nome, história que consta Em Gênesis, cap.22. O livro foi publicado em 1843, dessa forma, é publicado antes de Migalhas Filosóficas e pode nos auxiliar na busca do conceito da fé em Migalhas.

Nele, o pseudônimo se apresenta como alguém que não tem fé, como o professor Jonas Roos nos lembra:

Este nome, Johannes de Silentio, não é acidental. O autor pseudônimo de *Temor e Tremor* não é alguém que tem fé. Diante de Abraão e da opção da fé, como seu próprio nome já indica, ele *silencia* (...). O autor, portanto, não é um crente, mas alguém que faz o elogio da fé (...). Johannes é o poeta da fé, um admirador que quer cantar esta paixão. E se ele não se diz crente, também não se considera filósofo, pelo menos na acepção em voga em seu contexto (ROOS, 2006, p. 66-67).

A obra, na tentativa de compreender o que é a fé, nos apresenta Abraão, chamado de *O Pai da Fé* como o *Cavaleiro da Fé*. É importante nos atermos ao fato de que, como bem nos lembra Ricardo Quadros Gouvêa, em *Paixão pelo paradoxo*, “Para Kierkegaard, fé significa fé cristã, independentemente do contexto cultural ou religioso em que se manifestar, e apresentar a compreensão de Kierkegaard sobre fé significa apresentar sua visão do que verdadeiramente é o cristianismo” (GOUVÊA, 2009, p. 118).

3.2 A PERSONIFICAÇÃO DA FÉ

Silentio nos mostra Abraão como sendo a personificação da fé, e o faz com base em duas situações: a primeira, que se encontra ao alcance de todos os homens, chama-se *resignação infinita*. O autor nos diz que esse processo é o último estágio antes da fé, nesse movimento, o indivíduo abre mão de tudo que é finito e vai de encontro ao infinito, “a resignação infinita implica o repouso, a paz e a consolação no seio da dor” (MORAIS, 2013, p. 75).

Mas é na segunda situação que Abraão se caracteriza como o cavaleiro da fé, após abrir mão do finito e se encontrar na resignação infinita, é o processo de retomada ao finito que chama atenção. Roos nos lembra que:

A grandeza da fé de Abraão não se encontra no despojar-se, mas na crença de que obteria Isaac de volta. Se não for assim, Abraão se iguala ao cavaleiro da resignação infinita, o que, de qualquer modo, já envolve bastante esforço. Abraão se coloca em uma relação absoluta com Deus e, neste sentido, abandona Isaac, abandona o seu dever moral de pai para cumprir a ordem divina, pois sobe a montanha para sacrificá-lo. No entanto, fé não é o abandono da finitude, do concreto e do temporal. O duplo movimento envolve este retorno paradoxal e por fé para a temporalidade e a finitude. Este movimento, que acontece simultaneamente ao primeiro, é fé (ROOS, 2006, p. 78-79).

Como o próprio Kierkegaard deixa registrado em *Temor e Tremor* “Grande é alcançar o eterno, mas maior ainda é guardar o temporal depois de a ele ter renunciado” (KIERKEGAARD, 1974, p. 261). Quando analisamos o cavaleiro da fé, devemos ter em mente que ambos os movimentos têm igual importância para o indivíduo, e que ambos dizem respeito não sobre uma parte específica da vida, mas sobre toda ela.

Outro ponto que deve ser levado em conta é que esse não é um processo linear, onde deve-se primeiro abandonar tudo para em seguida retomar tudo isso pela fé, o movimento deve ser pensado como um movimento circular, constante nas duas direções. Ao mesmo tempo em que abre mão de tudo que é finito, o indivíduo deve estar retornando a essa finitude pela fé; deve estar abrindo mão de tudo e se guardando na resignação infinita. “A fé torna a existência paradoxal” (ROOS, 2006, p. 83). Nesse sentido a fé diz respeito a uma relação individual com Deus, nesse constante movimento circular.

Pode-se perceber que, se tratando de uma relação individual, a fé deve ser pensada como um modo de vida, que foge completamente a necessidades de se colocar à prova da razão, ou da aprovação de outros, muito pelo contrário:

Para quem serve a demonstração? A fé não precisa dela, pode até mesmo considerá-la uma inimiga. Ao contrário, quando a fé começa a envergonhar de si mesma; quando, como uma amante que não se contenta com amar, mas que ao fundo se envergonha de seu amado e por isso precisa provar que ele é

algo de notável; portanto, quando a fé começa a perder a paixão; portanto, quando a fé começa a deixar de ser fé, aí a demonstração se torna necessária para que se possa desfrutar da consideração burguesa da descrença (KIERKEGAARD, 1972, p. 274, apud MORAIS, 2006, p. 82).

É dessa forma que Abraão fornece a forma de como portar-se frente ao paradoxo do eterno-no-tempo, *Temor e Tremor* nos apresenta a fé em virtude do absurdo, uma fé utilizada para ultrapassar os limites que a própria razão não consegue ultrapassar quando se encontra frente ao eterno.

Ao invés de abandono, pelo movimento da fé se retorna exatamente para o ponto do qual se tinha partido, de modo que se possa ressignificar não apenas a própria racionalidade, mas também a realidade do mundo, da cultura, da ciência e do próprio pensamento lógico e filosófico (ROOS, 2006, p. 83).

Com o melhor entendimento sobre o *Cavaleiro da Fé* e a forma como ele aplica e se relaciona com a fé como resposta frente ao paradoxo podemos retornar a análise de Migalhas.

4. A FÉ EM MIGALHAS FILOSÓFICAS

Temos até esse momento, através de *Temor e Tremor*, uma fé que responde ao paradoxo a partir do momento que a razão já não o pode fazer, no movimento constante e circular de abrir mão de tudo que é finito para, no mesmo instante, retomá-lo. Temos também a construção do projeto alternativo de Climacus, construído a partir da contraposição com o projeto de pensamento socrático, utilizando-se de conceitos como *mestre*, *discípulo*, *instante*, *paradoxo* e *salto* para assentar o que ele classifica como seu próprio projeto de pensamento.

Com auxílio do professor Jonas Roos podemos entender que:

Migalhas inicia com a pergunta da verdade e se propõe a superar o projeto socrático, mas não aponta uma resposta filosófica, pois trata-se de uma questão de fé. Na última página do livro, Climacus nos apresenta uma *Moral da história* onde afirma que “aqui admitiu-se um novo órgão: a fé, e uma nova pressuposição: a consciência do pecado, uma nova decisão: o instante, e um novo mestre, o deus no tempo.” (ROOS, 2006, p. 51).

Ora, se tomarmos por princípio que o caminho que percorre Abraão para superar o paradoxo absoluto, é o caminho da fé, onde poderíamos encontrar referência a esse caminho em *Migalhas* se não também na resposta frente ao paradoxo do eterno-no-tempo?

O conceito de fé que Climacus nos apresenta está ligado diretamente a sua proposta alternativa de pensamento, é no *instante* onde “o mestre, pessoalmente, dá ao discípulo também a condição, passando o objeto da fé a ser fixado no próprio mestre” (MORAIS, 2013, p. 42), mestre esse que é o próprio Deus. O objeto da fé é o próprio Deus.

Quando o indivíduo se vê frente ao paradoxo e sua inteligência não consegue compreendê-lo, caso insista em compreendê-lo, apenas chegará ao escândalo, escândalo esse que não é obra da inteligência, mas sim o que o próprio Climacus classifica como “uma ‘ilusão acústica’, como quando escutamos um som e nos parece que ele vem de um lado mas, na verdade, vem do lado oposto” (ROOS, 2006, p. 44) mas, se, ao perceber-se frente ao paradoxo, o indivíduo compreenda (assim como outros mestres já compreenderam em outras situações) que a razão e a inteligência não podem dar conta de todas as coisas, só então ele se encontrará apto a superar o paradoxo, a encontrar o seu caminho de fé, que aponta para seu salvador e se relaciona com ele no eterno.

Agora podemos entender que o conceito da fé não é igual ao conceito do salto, mas é o que permite o salto. Todo o conceito de fé presente em *Migalhas* gira em torno do tornar-se cristão, é o próprio Climacus que nos orienta:

De que maneira aquele que busca aprender torna-se crente ou discípulo? Quando a inteligência é despedida e ele recebe a condição. Quando é que a recebe? No instante. O que é que esta condição condiciona? Que ele compreenda o eterno. Mas uma tal condição só pode ser uma condição eterna. – Portanto, no instante ele recebe a condição eterna, e sabe disso porque a recebeu no instante; pois de outro modo não faria nada mais do que tomar consciência de que já a possuía desde a eternidade. No instante, ele recebe a condição e a recebe daquele mestre mesmo (KIERKEGAARD, 1995, p. 94).

Pode-se questionar, nesse momento, se a própria fé não seria também um paradoxo, para poder se utilizar como resposta ao paradoxo do eterno-no-tempo, mas o próprio Climacus não deixa dúvidas sobre isso ao

afirmar que “A própria fé é um milagre, e tudo que vale para o paradoxo vale também para a fé” (KIERKEGAARD, 1995, p. 95).

É preciso ter sempre em mente que o que se crê não precisa ser provado, o que bem nos lembra Charles LeBlanc em *Kierkegaard* ao dizer que “deve-se morrer para a razão a fim de nascer para fé” (2003), o que faz muito sentido se lembrarmos que um dos objetivos do autor dinamarquês era colocar abaixo a ideia de que para ser cristão bastava que se nascesse em um determinado lugar (cristianismo geográfico) para fazer surgir a noção de tornar-se cristão (nascer para sua fé).

Pode-se afirmar que a fé em *Migalhas* diz respeito a algo totalmente subjetivo e individual e, mais do que isso, é um processo extremamente complexo por necessitar de uma relação equilibrada entre o finito e o infinito. É Marcio Gimenes de Paula quem diz:

No entender de Kierkegaard, a subjetividade se constituía não somente no ponto principal da religião, uma vez que ela também precisa adquirir um sentido diferente daquele que lhe é costumeiramente conferido na concepção hegeliana, que julgava que Deus existia no pensamento. No *Post-scriptum* de 1846, o autor dinamarquês, sob a pena do pseudônimo Clímacus, já apontava a subjetividade como fator decisivo do religioso e do *tornar-se cristão* (PAULA, 2009, p. 27 apud MORAIS, 2013, p.54).

Como o próprio Kierkegaard nos diz, através de *Johannes de Silentio*:

Com efeito, o movimento da fé deve constantemente efetuar-se em virtude do absurdo, mas de maneira a não se perder o mundo finito, antes, pelo contrário a permitir ganhá-lo constantemente. No que me toca, posso perfeitamente descrever os movimentos da fé, mas não me é possível reproduzi-los. (...) Tenho que confessar sinceramente que jamais encontrei, no curso das minhas observações, um só exemplar autêntico do cavaleiro da fé (KIERKEGAARD, 1974, p. 272).

Dessa forma, uma das possíveis leituras de *Migalhas Filosóficas* é entendê-lo como uma descrição dos movimentos da fé, bem como Kierkegaard se diz capaz de fazer através das palavras de *Silentio* em *Temor e Tremor*. Descrição essa que começa no momento onde o homem nem ao menos sabe que se encontra como *não-verdade*, passa pelo descobrimento de seu estado de pecado, pelo reconhecimento do Deus salvador através do amor deste para com os homens, indo até a superação constante do paradoxo pela fé plena, pela fé cristã, através do duplo movimento de abrir mão do *finito* e imediatamente retornar a ele, tornando-se assim, verdadeiramente um cristão.

5. CONCLUSÃO

O artigo parte da ideia de que existe um conceito de fé utilizado por Kierkegaard, que escreve o livro *Migalhas Filosóficas* através do pseudônimo *Johannes Climacus*, mesmo que este conceito não esteja dado de forma direta ao leitor. Tendo isso em mente, procurou-se revelar esse conceito.

Assumindo que as obras de Søren Kierkegaard têm seus conceitos entrelaçados, buscou-se entender, em primeiro lugar, alguns conceitos que *Climacus* utiliza em *Migalhas Filosóficas*, conceitos como: *mestre*, *discípulo*, *instante*, *paradoxo* e *salto*. São esses conceitos que sustentam a proposta alternativa do autor frente à questão que inaugura o livro (Em que medida pode-se aprender a verdade?). Assumimos também, que a proposta alternativa é, na realidade, a proposta do cristianismo frente a essa questão. É nessa proposta onde se concentrou o esforço na busca pelo conceito de fé, na proposta do cristianismo para a questão da verdade.

Logo em seguida, em virtude desse entrelaçamento existente na obra do autor, nos esforçamos em compreender o que era o *cavaleiro da fé*, conceito presente no livro *Temor e Tremor*, livro este assinado por *Johannes de Silentio*, outro pseudônimo do autor dinamarquês, e, nesse ponto, encontramos a ideia de *duplo movimento*, presente na concepção de fé como ferramenta para superar o paradoxo absoluto de se estar, dentro de sua subjetividade, frente ao Deus.

Retornando a análise de *Migalhas*, e aqui vale ressaltar que durante todo o processo tivemos o auxílio de livros e artigos de outros pesquisadores que se debruçaram sobre a obra de Kierkegaard, sem os quais não se poderia imaginar chegar onde se chegou, buscou-se encontrar, dentro do livro, onde poderíamos achar essa mesma concepção da fé como ferramenta de superação. Concluindo que o próprio livro trata-se de uma descrição do processo da fé, ou dos movimentos da fé, como bem diz *Silentio*, vindo desde o início da questão, quando o indivíduo nem ao menos sabia da sua condição de não-verdade e afastamento da verdade até o momento onde, por meio desse processo de fé e pelo amor incondicional do Deus por esse indivíduo, ele conseguiria superar o paradoxo, num longo e difícil processo.

Dessa forma, pode-se concordar com Ricardo Quadros Gouvêa, quando este diz que o livro trata-se de forma indireta, de uma análise das noções básicas da fé no cristianismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Migalhas Filosóficas**: ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. Trad. De Ernani Reichmann e Alvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Temor e Tremor** (Coleção os Pensadores). Trad. De Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1974

ROOS, Jonas. **Razão e fé no pensamento de Søren Kierkegaard**: o paradoxo e suas relações. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2006 (Série de Teses e Dissertações, 31)

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **A palavra e o silêncio**: Kierkegaard e a relação dialética entre a razão e a fé em Temor e Tremor. 2. Ed. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2009

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

MORAIS, Hernandes José de. **Absurdo, fé e existência em kierkegaard** (segundo Johannes Climacus e Johannes de Silentio). Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1037>> Acesso em: 04 de Julho de 2018

COELHO, Ana Alice Matiello. **A relação entre paradoxo absoluto e os conceitos de pecado, fé, indivíduo e amor**: Filosofia da religião e dialética em Kierkegaard. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/507>> Acesso em: 04 de Julho de 2018